

---

## Hiv/Aids Enquanto Símbolo do Mal no Audiovisual Brasileiro<sup>1</sup>

Willian Carvalho Dimas DIOGO<sup>2</sup>  
Cristina Teixeira Vieira de MELO<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### RESUMO

Em 2021 completam-se 40 anos desde os primeiros casos de Hiv/Aids no Mundo. A partir das obras *Estou com Aids* (1985), *Aids: Furor do Sexo Explícito* (1985) e de uma reportagem transmitida pelo Fantástico em 2015 sobre os “carimbadores”, este artigo busca compreender como a linguagem audiovisual contrui para a manutenção ou criação de processos estigmatizantes e preconceituosos acerca do Hiv/Aids e da infecção enquanto um símbolo do mal, através da análise de autores como Paul Ricoeur, Stuart Hall e Susan Sontag.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hiv; Aids; Estereótipo; Símbolo.

### Introdução

Foi publicado no dia 10 de abril de 2021, no website da revista *Época*, editora Globo, uma matéria com um estudo comparativo curioso: “Covid-19 causou mais mortes do que Aids em 40 anos no Brasil”<sup>4</sup>. Trata-se de pouco mais de um ano a partir do primeiro caso de infecção de Covid-19 no país. A análise do impacto no número de óbitos das pandemias (situação em que uma infecção ou doença se espalha ao redor do globo) chama atenção pela velocidade com que a Covid-19 leva os pacientes ao óbito e também pela diferença no tratamento dado aos infectados de ambas as infecções.

Enquanto diariamente morrem 3 mil pessoas em solo nacional pela Covid-19<sup>5</sup>, discute-se a reabertura de templos religiosos e comércio. A discussão tortuosa sobre os malefícios econômicos *versus* a possibilidade de poupar a vida dos brasileiros com os

---

1 Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

2 Graduando do Curso de Cinema e Audiovisual da UFPE, e-mail: williaaaan@hotmail.com.

3 Orientadora do trabalho. Docente do Departamento de Comunicação da UFPE.

4 CASTRO, 2021

5 BRASIL, 2021

chamados *lockdowns* não altera consideravelmente a forma como os infectados são vistos. Ao lado do número de mortes, sempre é apresentada a contagem de novos contaminados, pessoas que podem ser sintomáticas ou assintomáticas, com a possibilidade de vencer ou não o vírus. Minutos de silêncio dedicados às vítimas da infecção no fim do Jornal Nacional da Rede Globo, reportagens de idosos que superaram a infecção<sup>6</sup> ou de celebridades diversas que foram ao óbito<sup>6</sup> reforçam a importância das medidas de isolamento social e contribuem para a construção de um imaginário coletivo que ninguém está salvo.

Quanto ao HIV/Aids, o soropositivo luta contra o estigma e preconceito social. Segundo o Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS – Brasil:

“64,1% das pessoas entrevistadas já sofreram alguma forma de estigma ou discriminação pelo fato de viverem com HIV ou com AIDS. Comentários discriminatórios ou especulativos já afetaram 46,3% delas, enquanto 41% do grupo diz ter sido alvo de comentários feitos por membros da própria família. O levantamento também evidencia que muitas destas pessoas já passaram por outras situações de discriminação, incluindo assédio verbal (25,3%), perda de fonte de renda ou emprego (19,6%) e até mesmo agressões físicas (6,0%)” (UNIAIDS, 2019)

O boletim, de 2019, não indica uma mudança considerável do estigma criado ao redor da infecção desde seus primeiros casos relatados no Brasil, em 1981. Segundo Nestor Perlongher no livro “O que é Aids”, de 1987, a testagem em massa da população era colocada em questão ao se pesar os “riscos consideráveis para os pacientes enquanto indivíduos,[...] em vista da consequência desse ‘seropositivo’: danos psíquicos, emocionais e existenciais.”. Ele exemplifica:

“Sensibilizados por raciocínio similares, os integrantes do grupo homossexual carioca ‘Triângulo Rosa’ recusaram se submeter ao teste graciosamente oferecido por uma equipe clínica, duvidando dos benefícios que sua realização pudesse lhes trazer.” (PERLONGHER, 1987, p.32-33).

O estigma basicamente ocorre pela associação da testagem positiva para HIV/AIDS enquanto uma morte, seja ela relacionada à saúde ou à sociabilidade do indivíduo, afinal, ao se relacionar a infecção do HIV a um grupo social ou a determinadas práticas sexuais estimula-se a hostilização do indivíduo ou grupo, relegando-o à marginalidade ou, no caso de grupos historicamente marginalizados

---

6 IDOSO, 2020

---

como os homossexuais, a uma margem da margem. É possível identificar a prática do alheamento que:

“consiste numa atitude de distanciamento, no qual a hostilidade é substituída pela desqualificação do sujeito como ser moral. Significa não vê-lo como alguém que deve ser respeitado em sua integridade física e moral. Portanto, ao receber a condição positiva para o HIV, estas pessoas precisariam enfrentar o crível societário de se são criminosos, vítimas, promíscuos, prostitutas, se estão com os dias contados e assim por diante.” (CAZEIRO F, 2020)

Por mais que um tratamento efetivo para infecção tenha surgido desde 1996 (com o uso contínuo de uma série de medicamentos, apelidado de ‘coquetel’) e que o país já tenha sido considerado referência na luta mundial contra Hiv/Aids<sup>7</sup>, até hoje persiste um paradigma ao redor do discurso ao falar da infecção. Em 2020, o então presidente do país, Jair Bolsonaro declarou: “uma pessoa com HIV, além do problema sério para ela, é uma despesa para todos aqui no Brasil”<sup>8</sup>. Os ataques foram além do discurso: encerrou-se o departamento especializado em AIDS<sup>9</sup>, rebaixando a área a uma coordenação; em dezembro de 2020 (simbolicamente, o mês de combate à AIDS), o governo deixou vencer um contrato interrompendo a testagem de HIV/ AIDS e hepatites virais<sup>10</sup>.

### **Estereótipo**

Ao comparar sua atuação frente o coronavírus com a pandemia de Hiv/Aids, Bolsonaro associou a infecção pelo HIV a “uma classe específica, que tinham comportamentos sexuais diferenciados”<sup>11</sup>. A insinuação do presidente sobre a infecção do HIV/AIDS relacionada ao homossexuais masculinos, demonstra o quanto o discurso da infecção está vinculada a uma “classe”, ou seja, a um grupo social específico. Essa separação é importante para que se crie o fenômeno da estereotipagem. Segundo Stuart Hall:

---

7 CADAXA, 2018

8 LEMOS, 2020

9 GOMES, 2019

10 GOVERNO, 2020

11 PRESIDENTE, 2021

---

“a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a ‘diferença’. Em segundo lugar, a estereotipagem implanta uma estratégia de ‘cisão’, que divide o que é normal e aceitável daquilo que é anormal e inaceitável. Em seguida, exclui ou expulsa tudo o que não cabe, o que é diferente. [...] Então, outra característica da estereotipagem é a sua prática de ‘fechamento’ e ‘exclusão’. Simbolicamente, ela ‘fixa’ os limites e exclui tudo o que não lhe pertence. [...] Por meio da estereotipagem, classificamos as pessoas segundo uma norma e definimos os excluídos como o ‘Outro’.” (HALL, 2016, p.191, p.192)

Com a explicação de Stuart Hall é possível defender que Bolsonaro insiste nessa essencialização da infecção do HIV com a homossexualidade ou com “comportamentos sexuais diferenciados” (ou seja, às práticas que não sejam heterossexuais entre pessoas cisgênero), algo que data desde os primórdios do HIV/Aids: o primeiro nome dado à infecção foi GRID (Gay Related Immune Deficiency), nomenclatura médica que buscava identificar essa nova infecção que atingia principalmente homens gays brancos homossexuais de classe média dos EUA. Até que chegassem a conclusão que qualquer um poderia ser acometido pela infecção — afinal, basta a troca de fluidos como sangue ou sêmen para que a infecção ocorra —, causou-se um dano persistente ao imaginário comum. Outra associação é que o portador do HIV/AIDS integraria um grupo chamado 5Hs, que designava os portadores enquanto homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos, *hookers* (profissionais do sexo). Na realidade, quem mais se infecta nos dias de hoje são os heterossexuais<sup>12</sup>. A insistência desses estigmas parece perdurar, afinal elegeu-se uma infecção ou condição clínica para sofrer uma série de ataques enquanto existem outras, como a diabetes, o câncer, a obesidade, que não passam pelo mesmo tratamento.

Susan Sontag, no livro *Aids e Suas Metáforas*, exemplifica com o ataque cardíaco que, segundo ela, “é um evento, mas isso não dá a pessoa uma nova identidade, tornando o paciente em um ‘outro’”<sup>13</sup>. A lógica que a autora propõe é que, por ser um mal súbito que não “desumaniza” a fisionomia (como ocorre nos estágios finais da AIDS), o ataque cardíaco não é suficiente para relegar o indivíduo a um grupo social distante. Os problemas cardíacos vão ser vistos como mero detalhe e não como características capazes de gerar segregação, processo que começa a ilustrar porque os esforços contra a covid-19 são coletivizados principalmente pela mídia brasileira, enquanto a problemática do HIV/Aids não recebe o mesmo tratamento.

---

12 CARVALHO; URIBE, 2014

13 SONTAG, 1989, tradução minha, p. 38

---

Por exemplo, em 15/03/2015 e 22/03/2015 foi transmitido em rede nacional uma reportagem no programa Fantástico sobre os “carimbadores”. Tratam-se de pessoas que sabem que possuem o vírus HIV e deliberadamente buscam continuar uma rede de infecção furando a camisinha ou retirando a mesma antes de ejacular. Apesar de haver uma frase de um psiquiatra dizendo que isso também ocorre com heterossexuais, existe a tentativa de atrelar isso à experiência homossexual, que ocorre pela repetição do uso de imagens em boates gays, cinemas pornô, saunas e “lugares frequentados por pessoas que se declaram carimbadores”, além da entrevista com um dos carimbadores ter sido feita em um bar no Largo do Arouche em São Paulo (lugar muito específico, historicamente associado aos homossexuais).

Diego, uma vítima da prática, alerta que isso diz respeito a um recorte de soropositivos, mas a reportagem em nenhum momento se prende a essa informação. Além dele, um médico explica rapidamente que se trata de um grupo específico que “se revolta” com seu diagnóstico positivo e busca “vingança”.

Existe uma essencialização de lugares ligados aos homossexuais enquanto lugares de atuação dos carimbadores, criando uma forte ligação entre esses ambientes ao crime, ao sadismo. Um carimbador se dispõe a dar uma entrevista e afirma que queria ter sido contaminado, que já contaminou muito mais que “1, 5, 10”. Em seguida, som de explosão em resposta ao depoimento. Além disso, pausas dramáticas na imagem reforçam o sensacionalismo da matéria sobre a prática que, segundo um delegado entrevistado, ocorre “sem qualquer pudor, sem qualquer punição”.

## RECURSOS DA LINGUAGEM

A dinâmica classificatória que define quem faz parte do “nós” ou “eles” (o outro, o “one of them”, o segregado) e quais atividades ou enfermidades são toleradas vão além de uma simples condenação ou processo de estereotipia apontados por Hall e Sontag no caso do Hiv/Aids.

Pensando a partir da linguagem e do discurso, criamos uma série de códigos capazes de resumir uma prática, um conceito ou um pensamento através dos símbolos. Segundo Ernst Cassirer, “o que diferencia os homens dos animais é a mediação simbólica posta em prática como atividade do pensamento”<sup>14</sup>. Em suma, as

---

14 MEDEIROS, 2015, p.127

---

especificidades ou características dos indivíduos passam a ser interpretadas conforme os usos sociais que elas podem adquirir.

Já para Paul Ricoeur, “o símbolo faz pensar” (frase final de sua Obra “Simbólica do Mal”), demarcando que o símbolo é anterior ao ato interpretativo intelectual e pressupondo que a compreensão do símbolo (segundo momento) se dá através de uma interpretação dele (primeiro momento). Ou seja, o Hiv/Aids enquanto símbolo, automaticamente engloba uma série de significações a cerca do indivíduo que o possui ou sobre a própria infecção, mesmo que não se saiba a fundo sobre todas elas.

Complexificando a discussão, a associação Aids e homossexuais ocorre em um espaço no qual a IST é vista como punição “não apenas de indivíduos, mas de um grupo (libertinos em geral)”<sup>15</sup>. Assim, tanto a sífilis, por exemplo, quanto a pandemia do HIV/Aids tornam-se “signo de desleixo moral ou declínio político”<sup>16</sup>, pois a fácil transmissão do vírus pode servir enquanto metáfora (remetendo ao título do livro de Sontag) para os perigos da transgressão social. Em suma, Hiv/Aids torna-se um símbolo.

No exemplo dado da entrevista do Fantástico, fica evidente o uso de um recorte de soropositivos para descrever “o que acontece” em ambientes gays, os perigos que a prática homossexual ou o que a relação com um soropositivo pode resultar, sem especificar o quanto que isso se traduz em números ou porcentagem de casos, aumentando o estigma sobre a situação ao apostar nessa associação entre mundo gay – soropositividade – carimbo. Em nenhum momento são citados os “indecíveis”, pessoas que, por seguir corretamente seu coquetel de medicamentos, diminuem a carga viral a ponto de não transmitir mais a infecção.

A reportagem, ao não trazer outros dados ou fazer rápidas passagens sobre as transmissões entre heterossexuais (um homem heterossexual que contrai HIV, sabe, não trata e transmite o vírus à esposa é um carimbador?), alimenta um jogo discursivo (simbólico) comum ao imaginário social em que não se sabe quem dá início a quem: se tem Aids porque é homossexual ou se é homossexual porque tem Aids; ou pior, se é soropositivo, é carimbador.

---

15 SONTAG, 1989, tradução minha, p.54

16 Ibid.

---

Ademais, a própria conceituação médica de práticas ou grupos de risco contribui para que se categorize os indivíduos. Esses usos socio-políticos que partem dessas categorizações é o que interessa a este artigo.

## USOS POLÍTICOS DO DISCURSO

Jorge Leite Júnior afirma, em seu texto *Erotismo, pornografia e obscenidade*, que “certos tipos de comportamentos e estados de espírito [...] tornaram-se ‘doenças’, desvios que fogem ao cada vez mais estreito caminho do ‘saudável’”<sup>17</sup>. Ou seja, dependendo do grau, a transgressão às imposições sociais pode ser, por si só, uma doença. Logo, torna-se evidente porque a homossexualidade – que diz respeito a uma quebra dos valores sociais hegemônicos – era categorizada como doença psíquica (o que é justificado pelo uso da palavra homossexualismo). É preciso compreender que:

Quando a medicina dogmatiza a sexualidade ‘sadia’, ou seja, a vida sexual dentro do casamento monogâmico, heterossexual e com fins preferencialmente procriativos, todo um universo de práticas e desejos até então chamados genericamente de libertinagem vão tornar-se uma doença degeneradora do ‘humano’ e destruidora da ordem social. (ibid., p.27)

Para Ricoeur, o símbolo é “opaco” e emerge dele uma significação não direta a partir de sua apresentação. E quando o símbolo se desenvolve ganhando uma “espessura narrativa”<sup>18</sup> torna-se mito. Além de símbolo, podemos defender que existe a criação de uma mitologia a cerca do universo da homossexualidade e do Hiv/Aids. Sontag parte do exemplo da sífilis para explicar como a sociedade segrega os portadores de Aids:

Pensar na sífilis enquanto uma punição a uma transgressão individual foi por um bom tempo [...] uma retribuição à libertinagem de uma comunidade - como ocorre com a Aids hoje nos países ricos e industrializados. [...] A Aids é entendida [...] enquanto doença que acomete indivíduos e membros de um ‘grupo de risco’ - um discurso aparentemente neutro, uma categoria burocrática que também revive a ideia arcaica de uma comunidade marcada pelo julgamento de uma doença. (SONTAG, 1989, tradução minha, p.46)

Além disso, a imagem de um organismo invasor - que, cedo ou tarde, irá vencer seu organismo de defesa - é notável para se pensar no estigma social que o vírus HIV recebe. Susan Sontag explica que a Aids, ao ganhar o *status* de peste (ou de praga), passa a servir como metáfora para uma série de interações sócio-políticas, pois,

---

17 LEITE JÚNIOR, 2006, p.28

18 MEDEIROS, 2015, p.116

diz de uma lógica de um agente externo que invade e destrói, ou seja, põe-se o vírus sob uma lógica de guerra.

Não basta apenas segregar o portador do vírus. É preciso sustentar a ideia que o vírus é algo que vem de fora, complexificando cada vez mais a ideia do “outro”, em uma tentativa de tornar a imagem do vírus cada vez mais distante de si:

“Uma característica do roteiro clássico da praga: a doença invariavelmente vem de algum outro lugar. Os nomes para sífilis [...] são ilustrações exemplares da necessidade em transformar doenças terríveis em algo estrangeiro. Era a ‘Pox [Vírus da catapora e varíola] Francesa’ para os ingleses, ‘morbus Germanicus’ para os parisienses, ‘doença de Nápoles’ para os Florentinos, ‘doença chinesa’ para os japoneses. [...] Existe uma conexão entre imaginar a doença e imaginar o estrangeiro. Provavelmente isso se debruça sobre o conceito do errado, que é arcaicamente ligado à ideia do não-nós, do alienígena.” (ibid., tradução minha, p. 48)

A tentativa de identificar o inimigo fica evidente no filme “Estou com Aids” (1985), dirigido por David Cardoso (um galã da pornochanchada). A obra vai entrecortando contos (baseados em notícias de jornais, que são reconstituídos na cena), criações originais com imagens dos sintomas da Aids e entrevistas às mais diversas personas da sociedade. Cantores, políticos, esportistas, jornalistas, médicos são consultados a fim de darem sua opinião sobre a Aids. A falta de rigor na pesquisa acaba gerando uma série de apontamentos no mínimo contraditórios, como quando David associa que “a propagação da Aids desequilibra a sociedade moderna tanto quanto a agressão ao Pantanal desequilibra a natureza” e demonstra a forma como a infecção era tratada nos primeiros anos de seu surgimento. Uma entrevista do diretor com a cantora Alcione exemplifica essa narrativa do invasor. A cantora responde:

“Bom, no Norte, Nordeste, essa área que eu to acostumada a percorrer né, todo Nordeste, eu não vejo falar do Aids, acho que nem existem casos e se existem são tao poucos, gente.. então eu me pergunto porque o Aids só no Rio, em São Paulo, essa grande concentração? Grandes cidades grandes.... E eu me pergunto também... bom, a mulher brasileira é considerada a mais limpa do mundo, ela se depila, ela toma banho todos os dias. E o gay é igual a mulher brasileira, ele é assim também, o nosso gay é limpíssimo sabe, ele é muito higiênico. A culpa não é dele são dos gays estrangeiros. Então eu digo: rapaziada, ai ó... eu sou a rainha dos gays do Brasil ein... por favor, para todos vocês um aviso, cuidado com aqueles dos olhos azuis, o aviao tá vindo ai pelo carnaval cheio deles, olho neles ein....” (ALCIONE, 1985)

Cardoso ri com o relatos que possui uma série de separações geográficas e sociais. Além da imprecisão do diretor ao chamar Alcione enquanto “você que é do

---

Norte” (Alcione é maranhense), a resposta da cantora marca essa separação entre o Nordeste e o Sudeste. Segundo a cantora, região dela não possui casos, isso é um problema do eixo Rio-São Paulo. Além disso, o “nós” enquanto mulheres e gays brasileiros “limpíssimos” são colocados contra o invasor: o estrangeiro dos olhos azuis.

O relato extremamente impreciso (Alcione é uma cantora e não uma especialista), demonstra a forma como o senso comum encarava a questão. Alcione inclui gays e mulheres dentro de um mesmo grupo, mas outros relatos como do ator Pedro de Lara identifica a infecção enquanto uma “advertência às perversões” relacionando o HIV/ADIS com a peste bubônica e demarcando outro grupo social (“perversos”) enquanto responsáveis ou culpados (para usar o mesmo termo de Alcione).

O “inimigo” representa uma dupla invasão: uma que desestabiliza organização social e a que desestabiliza o próprio corpo. O imaginário se estende: a doença vem do estrangeiro porque ele não é tão limpo, tão civilizado ou não segue a “recomendada adoção de valores da classe média”<sup>19</sup>. Resumindo, adota-se a todo momento um sistema de classificação e associações entre a doença e um invasor, cristalizando uma série de mitologias a partir do imaginário que se constrói desse “inimigo”.

Aos praticantes de “práticas sexuais diferenciadas”, cabe a mesma lógica de categorização e segregação: não são pessoas sadias, são sodomitas, sádicos e representam uma constante ameaça. O inimigo não está necessariamente além da fronteira, ele pode estar mais próximo do que parece: ele pode parecer “normal”, mas pode guardar uma outra faceta, extremamente perversa. Trata-se do “sujeito sádico, zoófilo, masoquista, fetichista e outros tantos ‘perversos’ que vão assombrar o imaginário do Ocidente, povoando das fichas policiais e relatórios clínicos aos programas sensacionalistas de televisão”<sup>20</sup>. E também se trata do homossexual.

Com o mote da investigação por trás de um homossexual que infectou um magnata, o filme “Aids: Furor do Sexo Explícito” (1985), dirigido por Fauzi Mansur, exemplifica cinematograficamente a ameaça do invasor homossexual portador do Hiv/Aids. Ao passo que Ney (o magnata) narra suas aventuras sexuais na ilha em que mora, dá detalhes íntimos sobre suas transas que são ilustradas por *flashbacks* de cenas

---

19 SONTAG, 1989, tradução minha, p. 55

20 LEITE JÚNIOR, 2006, p.31

de sexo explícito. Cássio (investigador) desconfia e pergunta se não houve “nenhum desvio, um rapazinho, um gay”. Ney, ofendido, nega e se posiciona: “quando pego uma mulher enfio minha língua, meu nariz, meus dedos e meu cacete por todos os buracos que ela tem”. Uma das interpretações possíveis é que Ney busca dizer que, se ele está com Aids, foi por ter sido “macho” demais.

Cássio propõe chamar as garotas com quem Ney se relacionou à ilha. Cássio, então, chama uma a uma e vai perguntando se elas transam com outras pessoas além de Ney. Chama a atenção o relato de Nanci, que aventura com Rui, transexual. Rui, enquanto a penetra, revela: “eu preciso te dizer, estou com Aids”. Nanci, gemendo, responde: “ai... eu não quero nem saber disso”. Rui insiste: “não vai dizer que eu não te avisei [...] você é teimosa, não quer me ouvir, eu tô com Aids”. Cássio acha que já tem a resposta: “acho que achamos o início de tudo, o transmissor da doença de Aids deve ser um gay... Rui, amigo de Nanci”. Passa-se o tempo e Cássio recebe uma ligação: “Rui não está infectado”. Como o clichê do suspense policial, o primeiro suspeito é falso. Cássio vai para o quintal e diz ao vento: “Alguma coisa está me escapando”. O que falta é achar o homossexual. Descobre-se que o mordomo, afeminado, foi quem “trouxe a Aids” à ilha.

Todos os “saudáveis” abandonam a ilha deixando Ney, o mordomo e Diricy, a empregada, isolados. Agora, Ney aparece com o corpo tomado pelo Sarcoma de Kaposi enquanto transa com Diricy, que diz: “eu sabia que você ia ficar comigo, Ney, eu também te amo [...] eu sabia que você iria ser meu”. Ele coloca a mão no sexo dela. Close-up. Revelação: Diricy tem um pênis. Ney: “você é minha predileta, te amo, te amo”. O filme termina a com o que parece ser uma câmera dentro de um anus e pênis ejaculando. Ou seja, restam na ilha apenas os sádicos, que são consumidos pelo Hiv/Aids.

A sociedade, então, faz uso da imagem desumanizante do doente em fase terminal da Aids - e, conseqüentemente, da morte - enquanto didática contra as “práticas libertinas” (tendo por excelência a homossexualidade, mas se estendendo às orgias, bissexualidade e transsexualidade).

“Assim como o sexo, a morte passa a ser associada ao irracional, não exatamente a partir de uma lógica, mas de preceitos muito mais morais do que éticos, de fundo religioso, na maioria das vezes. Não é de espantar, portanto, que a morte seja apresentada, em diversas manifestações artísticas, especialmente na literatura, no cinema e no teatro, como a “conseqüência”

---

inevitável para quem se atreve a desejos ou experiências sexuais “não consentidos” pela moral vigente.” (CARVALHO, 2008, p.6)

Voltando ao exemplo de “Estou com Aids”, além das entrevistas, o filme é ilustrado por algumas narrativas, sendo que todas envolvem isolamento e solidão; na maioria, a morte pelas complicações da doença ou suicídio. Próximo ao final, David Cardoso explica: “Ao portador da Aids é legada a grande tragédia de estarem absolutamente sós, isolados, separados ainda em vida. Isso desde a instalação da doença até a sua morte, seu final”. Ou seja, o filme aposta em relações de causa e consequência em que as personagens que sofrem pois pagam pelas suas práticas sexuais (com exceção do Hemofílico).

O filme termina com um outdoor escrito: “Cuidai. Pense duas vezes”. Após mostrar nove exemplos ilustrados de como a Aids coloca a vida das pessoas em isolamento e desgraça, David Cardoso traz a responsabilidade toda ao espectador e ao indivíduo, deixando-o assustado, amedrontado e com repulsa, em um filme que não indica exatamente o que se fazer para se prevenir da Aids, a não ser “evitar condutas desviantes”, o que se comprova pelo didatismo ao associar na montagem prática sexual desviante *versus* doença, morte e isolamento.

Como Sontag aponta, no fim de seu livro, a Aids representa “um ponto de virada no tocante à doença e sexualidade”<sup>21</sup>, no sentido que as formas de organização e relacionamento social mudaram a partir dela. Práticas sanitárias como o uso de máscaras e luvas para dentistas torna-se praticamente obrigatórios e o sexo “não é mais entendido enquanto uma prática à dois, trata-se de uma cadeia”<sup>22</sup>. Além disso a “Aids obriga as pessoas a pensar no sexo enquanto possibilidade das mais terríveis consequências: suicídio. Ou assassinato.”<sup>23</sup>.

A partir de um jogo simbólico do Hiv/Aids, desejo, sexo, práticas transgressivas, doença, morte e culpa parecem fornecer um conteúdo dramático ao cinema, em especial ao cinema mainstream de Hollywood, que:

“acabou encontrando uma maneira errada de abordar [...] o fenômeno, fazendo propagar associações de advertência entre o sexo e a morte, aludindo à doença através da matéria dos parceiros sexuais suspeitos, perigosos, maníacos, assassinos, de preferência femininos. [...] Tradicionalmente associada ao desejo e à morte, a femme fatale passou a encarnar a Aids. [...] Não só as mulheres foram monstrificadas através de uma sexualidade

---

21 SONTAG, 1989, tradução minha, p.72

22 ibid.

23 ibid.

---

exuberante e fatal. Surgiram também homens aparentemente normais, mas cuja aproximação sexual colocaria em risco a vida de suas esposas e amantes, como os maridos e sedutores desequilibrados. Nesses filmes, a heroína se apaixona pelo sedutor desconhecido e tem relações sexuais com ele, antes de descobrir que no desejável reside a alma de um cafajeste, de um assassino ou coisa pior” (L, NAZARIO, 2007, p.101 apud GERACE, 2015, p. 201)

É interessante notar o caráter didático de Hollywood em relação aos parceiros “sedutores”, apontado por Luiz Nazario. O protagonista possui boas intenções, mas pode a qualquer momento ser seduzido por *uma femme fatale* ou um “sedutor desconhecido” cuja intenção, na realidade, é destruir, matar, roubar ou colocar o héroi em desgraça. O desejo e a tentação são reconhecidos, mas a mensagem é simples: “não vá contra à norma, você vai se dar mal e até mesmo morrer”. Um didatismo que vai de Hollywood as duas produções brasileiras dos anos 1980 aqui citadas e a reportagem do Fantástico.

Paul Ricoeur, ao defender que se precisa de um símbolo para que o mal exista, desenvolve uma “hermenêutica dos símbolos” do mal, que possuem três conformações básicas: a mancha (temor “de ser contaminado pelo mal”)<sup>24</sup>, o pecado (uma espécie de quebra de aliança, lesando uma relação religiosa ou moral) e a culpabilidade (a opressão da consciência, a disposição a ser agente da própria punição)<sup>25</sup>. Esses dispositivos que visam explicar como o mal se articula e podem ser exemplificadas pela sedução enquanto mancha, o pecado enquanto a prática sexual e a culpabilidade enquanto a punição da morte, do suicídio ou do HIV/AIDS.

## CONCLUSÃO

Em suma, tantos os filmes aqui citados e a reportagem ilustram um caminho mal, causado por uma sexualidade perversa. Tratam-se de “criações de grupos estabelecidos em certas estruturas de poder que manejam estes ideais a fim de manterem estas posições, valorizando suas diferenças frente a grupos”<sup>26</sup>. Esses manejos e configurações sociais que segregam e determinam valores a sujeitos e a práticas, portanto, diz respeito à organização em sociedade mas também se reflete pela transposição ao mundo fictício criado pela virtualidade do cinema. Ao se falar do

---

24 RICOEUR, 2013, p. 45-46 apud MEDEIROS, 2015, p. 117-120

25 MEDEIROS, 2015, p. 122

26 LEITE JÚNIOR, 2006, p.36, p.37

---

Hiv/Aids e essas obras estamos lidando com algo além de uma máquina de estereótipo, mas da construção de uma mitologia, ou seja, do desenvolvimento de símbolos atravessados por instâncias narrativas. O tom é quase fabular, no sentido de trazer metáforas para que se ensine uma moral.

Entretanto, não existe apenas um sentido para os símbolos; mas possibilidades que não necessariamente são únicas. Podemos tratar os símbolos enquanto uma emergência da linguagem, na qual as referências do cotidiano podem ser colocadas em suspensão e reconfiguradas em uma nova forma, afinal, partindo de um pressuposto heideggeriano, o mundo se dá de maneira prévia (como guia para a nossa existência) e as configurações desse universo estão em constante transformação.

Assumir o estatuto dos símbolos sem contestação ou exercício interpretativo nos acomoda em preconceitos, ou seja, em juízos sobre as coisas antes do exame das mesmas. Fazemos as coisas porque “sempre foram assim” ou porque “a lei pressupõe dessa forma”, sem compreendermos que existe a possibilidade de outras formações de mundo.

Compreender é projetar nosso ser em direção da significância e o sentido é aquilo que admitimos como possibilidade real dentro do mundo, que não é rígido. Ademais, por mais que o fenômeno da compreensão (segundo Gadamer)<sup>27</sup> seja constituída por um sentido histórico que nos interpela, não estamos totalmente submissos a elas. Logo, não estamos presos a uma compreensão sobre determinado evento ou fato.

Enquanto o HIV/AIDS for retratado enquanto um símbolo para didatizar quais práticas sexuais são aceitas e for um instrumento de segregação do indivíduos, os soropositivos são continuar a ser estigmatizados, vistos enquanto vítimas ou culpados de um mal. Com a insistência dessa forma, a infecção dificilmente conseguirá ser tratada com a mesma qualidade e atenção que outras infecções recebem.

## Referências

CADAXA, Aedê. “O Brasil tem um dos melhores programas de HIV/aids do mundo”, diz Drauzio Varella. Ministério da saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis, 18 abr. 2018 Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/o-brasil-tem-um-dos-melhores-programas-de-hiv-aids-do-mundo-diz-drauzio-varella>>. Acesso em: 05 jul. 2021

---

27 ZABEU, 2014

BRASIL ultrapassa 350 mil mortes por Covid; média de mortes volta a passar 3 mil depois de 8 dias. **G1**. Bem Estar. 10 abr. 2021. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/10/brasil-ultrapassa-350-mil-mortes-por-covid-media-de-mortes-volta-a-passar-3-mil-depois-de-8-dias.ghtml>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

CARVALHO, Carlos Alberto de. **Cinema e Aids no mundo da vida: representações de vida e morte**. Texto da Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Universidade de Minas Gerais, 2008.

CARVALHO, Cleide; URIBE, Gustavo. Vírus HIV infecta mais grupo dos heterossexuais, diz estudo. **O Globo**. 05 abr. 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/virus-hiv-infecta-mais-grupo-dos-heterossexuais-diz-estudo-11785561>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

CASTRO, Rodrigo. Covid-19 causou mais mortes do que Aids em 40 anos no Brasil. **Época**. 10 abr. 2021. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/sociedade/covid-19-causou-mais-mortes-do-que-aids-em-40-anos-no-brasil-24956379>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

CAZEIRO, F, Nogueira da Silva, G.S., Souza, E.M.F. **Necropolítica no campo do HIV: Algumas reflexões a partir do estigma da AIDS**. Cien Saude Colet [periódico na internet] (2020/ Abr).

ESTUDO revela como o estigma e a discriminação impactam pessoas vivendo com HIV e AIDS no Brasil. **UNAIDS**. 10 dez. 2020. Disponível em: <<https://unaids.org.br/2019/12/estudo-revela-como-o-estigma-e-a-discriminacao-impactam-pessoas-vivendo-com-hiv-e-aids-no-brasil/>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

GERACE, Rodrigo. **Postporno e as Representações Alternativas do Sexo**. In: Cinema Explícito – Representações cinematográficas do sexo. São Paulo: Perspectiva: Edições Sesc São Paulo, 2015, p. 258 – 275.

GOMES, Rodrigo. Bolsonaro acaba com departamento de AIDS e revolta organizações e ex-ministro da Saúde. **Rede Brasil Atual**. 23 de mai. 2019. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/05/bolsonaro-departamento-aids-revolta-organizacoes/>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

GOVERNO suspende exames de HIV, aids e hepatites virais no SUS. **Isto É Dinheiro**. 7 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/governo-suspende-exames-de-hiv-aids-e-hepatites-virais-no-sus/>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

HALL, Stuart. **O Espetáculo do Outro**. In: Cultura e Representação. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio Apicuri, 2016.

---

IDOSO de 85 anos com hipertensão e histórico de pneumonias deixa hospital após superar a Covid-19. **G1 PI**. Piauí TV Clube. 11 jun. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2020/06/11/idoso-de-85-anos-com-hipertensao-e-historico-de-pneumonias-deixa-hospital-apos-superar-a-covid-19-no-piaui.ghtml>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

LEITE JÚNIOR, Jorge. **Erotismo, pornografia e obscenidade**. Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: Editora Annablume, 2006.

LEMOS, Vinícius. #EuNaoSouDespesa: a reação à declaração de Bolsonaro sobre pessoas com HIV. **BBC News**. São Paulo, 6 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51409101>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

MEDEIROS, Jonas. **Mitos e símbolos do mal em Paul Ricoeur**: por uma consideração crítica sobre a visão moral do mundo. Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia V.4 | N.2 [2015].

OLIVEIRA, Fábila. Brasil perde famosos para a Covid-19. **O Dia**. 25 mar. 2021. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/colunas/fabia-oliveira/2021/03/6112318-brasil-perde-famosos-para-a-covid-19.html?foto=2>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

SONTAG, Susan. **Aids and it's Metaphors**. Penguin Books Ltd , 1989.

PRESIDENTE Bolsonaro compara covid-19 com aids e diz que HIV era associado a comportamentos sexuais diferenciados. **Agência de Notícias da Aids**. 07 abr. 2021. Disponível em: <<https://agenciaaids.com.br/noticia/presidente-bolsonaro-compara-covid-19-com-aids-e-diz-que-hiv-era-associado-a-comportamentos-sexuais-diferenciados/>>. Acesso em: 05 jul. 2021

ZABEU, Gabriela Miranda. **Tradição E Autoridade Na Hermenêutica De Hans-Georg Gadamer**. Peri V.06. N.1 [2014]. p99-117